



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O MULTICULTURALISMO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: SABERES E EXPERIÊNCIAS PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Walcéa Barreto Alves

Universidade Federal Fluminense, walcea@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta argumentações crítico-reflexivas baseadas nas perspectivas de estudantes sobre aspectos multiculturais abordados na formação inicial de professores e a influência destes em sua atuação profissional a partir da pesquisa “Formação de Professores na Universidade Federal Fluminense: perspectivas multiculturais”, realizada no ano de 2014, com 215 alunos de cursos de licenciatura, no Estado do Rio de Janeiro. O objetivo central é apresentar, analisar e discutir dados levantados a partir das respostas registradas mediante a aplicação de um questionário semiaberto, composto por 21 questões. A questão enfatizada aqui será a de nº 18 (Q18), que tem como enunciado: “As disciplinas curriculares de seu curso têm contribuído com saberes e experiências que possibilitem sua preparação para lidar com diferenças em sala de aula? Justifique”. O desenvolvimento do texto reflete uma análise qualitativa sobre os dados quantitativos levantados pelo posicionamento dos discentes nas proposições feitas. Entende-se que os resultados apresentados neste trabalho são de grande valia no contexto das licenciaturas, que podem se constituir enquanto espaço de rica construção, desdobrando-se nas práticas e concepções de futuros educadores, que alcançarão outros sujeitos em processos diferenciados de construção de conhecimento e de exercício de cidadania. Sendo assim, dimensionar as percepções e perspectivas dos licenciandos sobre os elementos multiculturais que configuram seu próprio processo de formação profissional denota-se ser de grande relevância – tanto para a compreensão sobre o que já está posto enquanto projeto político-pedagógico da universidade quanto para o que se almeja propor diante das metas que se configurem como necessárias de serem alcançadas.

Palavras-chave: Formação inicial de professores, multiculturalismo, diversidade, diferença; atuação profissional.

INTRODUÇÃO

A temática desenvolvida neste trabalho se insere no amplo contexto de reflexão sobre o papel da universidade na formação inicial de professores. Aqui, mais especificamente, têm-se um matiz particular ao se colocar no cerne da discussão o questionamento sobre as contribuições do ensino



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

superior para a atuação profissional no âmbito do desenvolvimento de saberes e experiências que preparem o docente para lidar com a questão das diferenças na prática pedagógica.

As reflexões desenvolvidas no texto foram elaboradas mediante a realização da pesquisa: “Formação de Professores na Universidade Federal Fluminense¹: perspectivas multiculturais”, realizada no ano de 2014, com 215 alunos de cursos de licenciatura.

Este texto tem como objetivo central apresentar, analisar e discutir os dados levantados a partir do questionário aplicado na pesquisa supracitada, sendo enfocada aqui a décima oitava questão, que será explicitada mais adiante.

Arelados ao objetivo central configuram-se como objetivos específicos a proposição de reflexões sobre: o papel da universidade na produção de diálogos entre teoria e prática; a forma como a temática da diferença tem sido desenvolvida na preparação dos estudantes para a atuação em sala de aula; o papel das disciplinas pedagógicas na formação inicial de professores.

Este estudo se justifica no sentido de se compreender que os debates acerca dos temas de diversidade e diferença se fazem prementes, em especial ao se focar a maneira como têm sido desenvolvidos e vivenciados no processo de formação inicial docente no contexto dos cursos de licenciatura, proporcionando espaços de formação e discussão onde se busque pensar criticamente sobre as questões multiculturais que envolvem os saberes e os fazeres do ato de educar, oferecendo ferramentas que instrumentalizam o ato educativo enquanto prática emancipatória e igualitária.

METODOLOGIA

O objetivo da pesquisa “Formação de professores na Universidade Federal Fluminense: perspectivas multiculturais” foi investigar as perspectivas multiculturais delineadas no processo de formação de professores dos cursos de licenciatura da UFF.

¹ Universidade Federal Fluminense - UFF



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Um dos principais instrumentos de coleta de dados consistiu na aplicação de um questionário semiaberto, totalizando 21 questões. Ao todo, 215 alunos de 11 cursos de licenciatura da UFF participaram da pesquisa, que foi realizada no primeiro semestre de 2014.

No contexto do questionário, a questão elencada para análise no desenvolvimento deste texto foi a décima oitava (Q18), a saber : “As disciplinas curriculares de seu curso têm contribuído com saberes e experiências que possibilitem sua preparação para lidar com as diferenças em sala de aula? Justifique”. O perfil da questão, que se configurou numa pergunta objetiva seguida de um imperativo de justificação da resposta dada, permitiu um posicionamento pontual dos sujeitos pesquisados com a possibilidade de uma subsequente argumentação, abrindo espaço para complementação da asserção feita. Tal composição permitiu que o indivíduo ampliasse sua perspectiva de maneira subjetiva, viabilizando um enriquecimento da resposta e a possibilidade de maior exploração da colocação feita inicialmente, o que possibilitou o levantamento de dados quantitativos e qualitativos, ambos significativos para a compreensão das dimensões que envolvem os elementos constituintes da proposição feita.

Neste trabalho, será apresentado o perfil das repostas dadas à pergunta objetiva da Q18. No desenvolvimento do texto, algumas justificativas dadas pelos estudantes serão apontadas a fim de se realizar uma análise qualitativa dos dados levantados. Num segundo momento, será apresentado o perfil geral dos estudantes e dos cursos de Licenciatura que, em nossa concepção, se configura como elemento importante de análise do contexto da formação inicial de professores.

As asserções teóricas desenvolvidas ao longo do texto serão enredadas a partir de um diálogo entre as categorias levantadas na análise dos dados da pesquisa - que serão ilustradas pelas falas dos estudantes colhidas mediante as respostas registradas no questionário (Q18)² – e as contribuições de autores como Freire (2014), Arroyo (2000), Bhabha et al (2007), Skliar (2003), Santiago e Akkari (2010).

ANALISANDO AS RESPOSTAS – O QUE NOS DIZEM OS DADOS

² Por questões de ética na pesquisa, a fim de se preservar o anonimato dos participantes, as respostas serão identificadas mediante o uso da letra R seguida do número do questionário respondido, entre parênteses. Exemplo: (R47).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Num universo de 215 questionários, 130 alunos afirmaram que as disciplinas curriculares contribuem com saberes e experiências que possibilitem lidar com as diferenças em sala de aula; 38 alunos responderam negativamente; 44 deram respostas ambivalentes e 3 se abstiveram de responder a Q18. Sendo assim, num valor percentual aproximado, temos: 60,5% de respostas positivas; 17,7% negativas; 20,4% ambivalentes e 1,4% de abstenção.

Tabela 1. Perfil geral das respostas à Q18.

	Total	%
Respostas Positivas	130	60,5
Respostas Negativas	38	17,7
Respostas Ambivalentes	44	20,4
Abstenções	3	1,4
Total Geral	215	100

Fonte: Dados produzidos pela autora

Analisando as respostas positivas, observa-se que estas representam a maior parte do posicionamento dos alunos (60,5%), levando ao entendimento inicial de que, em geral, esses compreendem que as disciplinas que têm sido trabalhadas nos currículos dos cursos têm preparado para lidar com as diferenças em sala de aula.

No entanto, é interessante pontuar que algumas respostas, mesmo sendo positivas, ao serem “justificadas”, refletiram um olhar crítico dos alunos quanto ao que oferece a universidade em termos de formação para se lidar com as diferenças, como: “Tem contribuído, oferecendo subsídios para a pesquisa, mas ainda falta aprofundamento” (R8); “Em alguns momentos os assuntos são elaborados, mas de forma superficial, não há um aprofundamento” (R10). Nesse contexto, embora as respostas tenham sido positivas, denota-se a criticidade dos alunos quanto à qualidade do que tem sido desenvolvido no processo formativo, apontando-se superficialidade e inconsistência na abordagem dos conteúdos e experiências relacionados ao tema da diferença.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Argumentações mais “ferozes” foram feitas por alguns alunos, que demonstraram alto grau de criticismo sobre o próprio processo de ensino-aprendizagem na universidade: “Sim, a forma como as disciplinas são impostas nos fazem pensar criticamente a ideia de tornar essas diferenças algo esquecido em sala de aula” (R40); “Em matérias de educação, didática é a primeira da minha trajetória acadêmica. Mas, alguns modelos vistos em sala, são em si, um ótimo parâmetro de como não fazer” (R119); “Sim. Algumas atitudes de professores me fazem perceber muito a diferença entre o que [fazer] e o que não fazer” (R187). Embora estas respostas sejam afirmativas, criticam ostensivamente o sistema de ensino, podendo até ser identificado nas entrelinhas de suas justificações certo grau de ironia ao se referenciar a questões vivenciadas no processo de aprendizagem profissional como contraexemplos.

Diante disto, o contexto geral das respostas positivas nos leva a refletir sobre o fato de que há um caminho de construção de saberes e experiências a ser, ainda, pensado e repensado pela universidade, em específico no processo de formação de professores, no sentido de se construir uma prática pedagógica que proporcione efetiva contribuição para a prática docente, em especial no entendimento de se considerar as diferenças, que são inerentes à conjuntura que envolve a ação educativa.

As respostas negativas, embora representem o menor percentual do total de respostas dadas (17,7%) permitem uma análise importante sobre a compreensão e autocompreensão do aluno no e sobre as contribuições da universidade em seu processo de formação profissional, aqui se especificando a preparação para se lidar com as diferenças em sala de aula.

No contexto das respostas negativas, observou-se que na parte subjetiva/discursiva da questão, destacaram-se justificativas que foram agrupadas em três posicionamentos: crítica ao processo pedagógico na formação docente; crítica à estrutura curricular; crítica à falta de relação entre teoria e prática.

A crítica ao processo pedagógico desenvolvido nos cursos licenciatura, em algumas justificativas, refletiu um posicionamento político-ideológico dos alunos, demonstrando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

engajamento nas propostas de discussão que são colocadas em pauta no âmbito educacional. Tal dimensão pode ser considerada, enquanto ponto de partida, como positiva na avaliação sobre a formação, visto que possibilita o entendimento de que os estudantes têm desenvolvido um olhar crítico para as questões que envolvem o seu processo formativo, que não os imobiliza, que não naturaliza as formas de se fazer educação, mesmo quando se olha o processo a partir de sua própria imersão no contexto. Tal posicionamento pode ser um indicador de que estes alunos conseguiram desenvolver um processo de conscientização sobre o ato de educar, suas implicações ideológicas, sociais e políticas que são refletidas na prática pedagógica em sala de aula – a se propor, no próprio ensino superior, quando se coloca que “Não, porque muitas delas repetem os mesmos moldes de um sistema que oprime os alunos ao invés de motivá-los a apreender conhecimento” (R1). Denota-se neste trecho um posicionamento que critica o próprio processo pedagógico na formação. Interessante notar que o verbo “oprimir” propõe uma reflexão quase que intrínseca no contexto da Educação às contribuições tão fundamentais de Paulo Freire, em especial quando discursa em “Pedagogia do Oprimido” tanto sobre o processo de opressão que ocorre na sociedade quanto os reflexos e fazeres desta opressão no contexto educacional. Freire (2014) pontua o quanto é necessário e premente uma educação problematizadora e libertadora.

Ainda refletindo sobre as respostas negativas, outros posicionamentos crítico sobre o processo pedagógico levam à reflexão sobre o olhar para a diferença num contexto de igualdade e justiça, compreendendo-se como necessária a escuta das várias vozes e dos vários sujeitos que permeiam o espaço educacional: “[...] a partir do momento que há nas salas de aula uma cultura e ditadura em prol da maioria, onde quem pertence ao grupo contrário é taxado de opressor e fascista, não pode haver essa preparação [para lidar com as diferenças]” (R191). Não se sabe em que contexto de sala de aula foi baseado este discurso ou sequer quais foram as motivações que fomentaram o posicionamento deste estudante, no entanto, tal fala possibilita, para além dela, a interrogação e inquietação quanto à necessidade premente de se compreender o outro, enquanto autêntica alteridade (SKLIAR, 2003). O olhar daqueles que, por algum motivo ou posição, se sentem e se representam enquanto minoria dentro de um contexto que se utiliza de um discurso opressor



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

disfarçado de democracia demonstra uma necessidade de permitir ao outro narrar sua própria cultura (BHABHA et al, 2007). O espaço para o debate, para a escuta, para o diálogo e para a compreensão das diferenças se faz necessário, apesar de não exclusivo, dentro de todo e qualquer espaço que intenta se nomear como educativo. Nesta perspectiva, acredita-se que a ação de se proporcionar na formação inicial docente um espaço de preparação para se lidar com as diferenças em sala de aula reflete discussões muito pertinentes à necessidade de se promover uma práxis que vislumbre uma formação para a diversidade, numa perspectiva multicultural (SANTIAGO e AKKARI, 2010).

A crítica à estrutura curricular dos cursos de licenciatura no tocante à preparação para lidar com as diferenças em sala de aula se configura presente e marcante nas falas dos estudantes:

“Não. No meu curso pouco se fala de como lidar com uma turma. Das poucas disciplinas de educação que já fiz, não se foi falado ou orientado para tal assunto” (R109).

“Não. Na Psicologia não se discute as questões no espaço escolar, o que afeta bastante as possibilidades de discussão” (R124).

“Não. Na matemática o foco são as teorias de cada matéria. A atenção está voltada para o estudo da própria disciplina” (R186).

“Não. Meu curso é de Matemática e acredito que aprender mais sobre números não ajuda a lidar com pessoas ou culturas diferentes” (R199).

Os trechos refletem uma visão crítica acerca das disciplinas curriculares e as possibilidades de reflexão que estas promovem sobre diversidade e diferença no contexto da prática pedagógica.

Ao que parece, as respostas acima transcritas deixam transparecer que nem sequer a própria prática pedagógica tem sido alvo de reflexão nos cursos, que têm primado disciplinas de conteúdo específico dos campos de conhecimento em detrimento das disciplinas e questões pedagógicas que envolverão o ensino destes conteúdos. Tal problematização se faz necessária e premente a fim de se configurar aspectos que favoreçam uma formação integral dos estudantes que pretendem atuar enquanto docentes. Neste prisma, é importante que se compreenda o fato de que as diferenças, inerentes ao processo educativo, perpassam a mediação do indivíduo com o conteúdo. Segundo Santiago e Akkari, “a questão da formação de professores é fundamental para introduzir o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

multiculturalismo real no contexto da sala de aula.” (2010, p.26). Tal fato aponta para o entendimento de que as propostas de mudança das estruturas de opressão e discriminação no contexto educacional, já tem seu início no processo de formação inicial de professores.

Como terceiro ponto, as justificativas às repostas negativas apontam para a crítica dos estudantes à falta de relação entre a teoria e a prática. Neste quesito, os estudantes afirmaram especialmente a necessidade de articulação entre os saberes e as experiências no processo de formação: “Não. Considero que as questões sobre educação ficam mais na teoria do que em prática. É necessário que se faça uma união entre teoria e prática” (R161).

As respostas ambivalentes foram assim classificadas mediante ao fato de não terem emitido, enquanto resposta objetiva, um posicionamento único, unânime, apresentando em vários casos uma não assertividade e, em outros, dubiedade:

“*Sim e não*, sim porque o aprendizado da faculdade nos guia para sabermos da maneira “correta” e não pois só aprender a lidar é diferente de por em prática e de lidar de fato. A faculdade dá uma ideia somente.” (R168) [grifo nosso]

Também foram consideradas ambivalentes aquelas que tiveram uma resposta vaga ou que apontaram parcialidade, como por exemplo:

“*Às vezes contribuem*, pois na prática as coisas são bem diferentes da teoria absorvida.” (R96). [grifo nosso].

“*Em parte sim*, tem ajudado a pensar de forma crítica sobre o papel do professor em sala de aula e que realmente ele pode fazer.” (R60). [grifo nosso]

A questão da dicotomia entre teoria e prática esteve presente nos três tipos de resposta, ou seja, positivas, negativas e ambivalentes, o que nos leva a refletir sobre a necessidade e a importância de se articular saberes e fazeres da atuação profissional no contexto da formação inicial docente sob o risco de um constante rebate quanto ao retrocesso a processos de “tecnicização” e “conteudização” do aprendizado do ofício de mestre (ARROYO, 2000).

ENTRELAÇANDO MAIS DADOS QUANTITATIVOS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Conforme o desdobramento da análise dos dados pôde-se desenvolver reflexões sobre uma possível relação entre o perfil geral das respostas dadas e o perfil das áreas de conhecimento dos estudantes.

No contexto da pesquisa realizada, observou-se que num total de 215 estudantes, 113 estão matriculados em cursos de Licenciatura que pertencem à grande área do conhecimento denominada Ciências Humanas (52,5%); 37 são da grande área denominada Linguística, Letras e Artes (17,2%); 37 pertencem à área de Ciências Exatas e da Terra (17,2%); 18 pertencem à área de Ciências da Saúde (8,4%); 5 pertencem à área de Ciências Biológicas (2,3%) e 5 pertencem à área de Ciências Sociais Aplicadas (2,3%).

Tabela 2. Perfil geral das áreas de conhecimento e dos cursos de formação dos participantes da pesquisa.

Grande Área de Conhecimento	Cursos/Áreas de conhecimento	Alunos por curso	%	Alunos por área	%
Ciências Humanas	Pedagogia	51	23.7	113	52.5
	História	43	20.0		
	Filosofia	13	6.0		
	Psicologia	6	2.8		
Linguística, Letras e Artes	Letras	37	17.2	37	17.2
Ciências Exatas e da Terra	Física	15	7.0	37	17.3
	Química	12	5.6		
	Matemática	10	4.7		
Ciências da Saúde	Educação Física	18	8.4	18	8.4
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	5	2.3	5	2.3
Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Sociais	5	2.3	5	2.3
Total Geral		215	100	215	100

Fonte: Dados produzidos pela autora.

Esta visão geral sobre as áreas de formação dos cursos dos estudantes das licenciaturas permite-nos uma contextualização das respostas à Q18, no que se diz respeito às disciplinas curriculares e sua contribuição com saberes e experiências para lidar com as diferenças em sala de aula. Tal relação se explicita em primeira análise por uma visão quantitativa dos dados: pode se entender que a questão das diferenças – em sala de aula – é possivelmente mais abordada nos cursos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que pertencem à área de ciências humanas e afins (considerando a área de Linguística, Artes e Letras mais a de Ciências Sociais e a de Ciências da Saúde, representada, neste estudo, pelo curso de Educação Física que pode ser entendido enquanto situado numa interface entre Ciências da Saúde e Ciências Humanas), daí o percentual de respostas positivas juntamente com as ambivalentes ter alcançado um total de 80,9%. No entanto, sabe-se que as análises não se restringem a dados numéricos, pontuando-se a demanda de uma contextualização que os signifique num universo interpretativo mais amplo. Diante disto, aponta-se para a constatação que é demonstrada a partir dos posicionamentos dos indivíduos frente às justificativas dadas nos questionários. A visão sobre a abordagem das diferenças nas disciplinas curriculares não é uníssona nem no contexto dos estudantes das áreas de Ciências Humanas e afins e nem mesmo nas áreas de Ciências Exatas e da Terra e Ciências Biológicas. No entanto, percebe-se pelo contexto geral das respostas que há uma tendência maior de discussão sobre a temática abordada neste texto nas áreas que permitem uma interlocução mais voltada para a compreensão e o estudo sobre as relações humanas e a educação.

Em diversas falas, os alunos consideraram que os cursos de História, Filosofia, Educação Física, Ciências Sociais e Letras abordam a temática da diferença na formação. Como um dado significativo, em grande parte das falas dos estudantes apontou-se que as matérias pedagógicas da licenciatura abordam a temática, o que nos leva a concluir que o curso de Pedagogia tem um papel importante neste aspecto da formação docente, visto que é o responsável em oferecer estas disciplinas curriculares. Em contrapartida, em outras falas foi apontado por estudantes do curso de Psicologia, que pertence à área de Humanas, que a temática da diferença no contexto de sala de aula não é foco de debate. Estudantes no curso de História apontaram alta criticidade quanto a uma formação voltada para a pesquisa, que enfatiza a formação para o bacharelado em detrimento à formação em licenciatura. Algumas críticas partindo de estudantes do próprio curso de Pedagogia apontam para o fato de se existir o discurso teórico que se coloca frente à necessidade de aprofundamento e aplicação prática.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Já no enquadre dos cursos das áreas de Ciências Exatas e da Terra e das Ciências Biológicas, o posicionamento dos alunos se coloca mais explicitamente negativo quanto à abordagem das diferenças em sala de aula. Estudantes do curso de matemática apontam que as disciplinas curriculares do curso mantêm o foco nos conteúdos da própria área. Já em relação ao curso de Química, estudantes apontam a mesma questão, colocando que há um “descaso” em relação às licenciaturas, quando é posto em proeminência a formação “científica” em detrimento de uma formação para o ensino (R76). Outros estudantes apontam que só puderam ver esta relação mediante o contato com as disciplinas pedagógicas na licenciatura.

Esta análise não procura ser taxativa e muito menos estigmatizadora. Pontos divergentes podem ser encontrados com base nas asserções feitas pelos alunos. No entanto, diante de uma visão geral, considerou-se relevante pontuar características que podem auxiliar na compreensão do todo, que representa muito mais que a soma das partes, mas que delas e das relações entre elas depende para configurar-se enquanto tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre os dados levantados permitiu uma visão em perspectiva sobre as concepções que estudantes de cursos de Licenciatura têm sobre a sua formação, compreendendo as questões que envolvem a estrutura do que a universidade tem oferecido enquanto currículo para sua atuação profissional.

Observou-se que há um posicionamento reflexivo sobre o enfoque dado à formação, que – ao que se coloca – tem se voltado mais para um paradigma conteudista e tecnicista em contraponto a uma formação para uma educação voltada para a emancipação e para o direito à igualdade na autenticidade da diferença.

A preparação destes futuros professores para lidar com as diferenças em sala de aula é entremeada pela relação saber-fazer, teoria-prática dinamizada no processo de formação inicial.

Promovendo um diálogo entre as leituras das “falas” de Paulo Freire em suas obras e as leituras das falas dos participantes desta pesquisa, surgem questionamentos cruciais para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

repensarmos a teoria e a prática realizada nas universidades no tocante à formação de professores no contexto do multiculturalismo que marca a Educação na contemporaneidade: A diferença tem sido vivenciada e problematizada no contexto de formação do professor? Os licenciandos estão sendo efetivamente preparados para lidar com os desafios do cotidiano didático no contexto da sociedade contemporânea? As iniciativas educacionais no ensino superior, em especial na formação inicial de professores, têm focado aspectos que levam à conscientização e a uma prática voltada para a liberdade?

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos (...) mas nos homens como ‘corpos conscientes’ (...). Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2014, p.94).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. **Ofício de mestre**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BHABHA, Homi K et all. **A Urgência da Teoria**: o estado do Mundo. Lisboa: Tinta-da-China, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D’água, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 58ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTIAGO, M. e AKKARI, A. A gestão da diversidade cultural no contexto educacional brasileiro. In: **Revista Educação em Questão**. V. 38, n.24, p.9-33, maio/ago. RN: EDUFRN, 2010.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia improvável da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.